

Cobras nas ruas e bancárias seminuas

• Muito antes de ataques especulativos e evasões de divisas retratarem a vulnerabilidade da economia, a imagem do país costumava aparecer arranhada na imprensa estrangeira por outros motivos. Episódios de violência urbana e violação de direitos humanos eram noticiados lá fora com exagero, mas aspectos “exóticos” ou “negativos” eram realçados para compor um cenário do país como reduto de atraso, selvageria e até licenciosidade.

Um caso típico foi o relato feito em 1992 pela jornalista Julia Preston, correspondente do “Washington Post” no Rio. Sob o título “Anatomia de um estranho lugar”, o artigo na edição dominical pintava um quadro do Rio onde cabras e cobras vagavam pelos bairros nobres, bancárias atendiam ao público semidespidas e motoristas dirigiam como homicidas. Julia não podia alegar que não teve tempo de conhecer o Rio, pois morava há 18 anos na cidade. Ao contrário de jornalista da agência EFE que, no Brasil para as festas de fim de ano, enviou a notícia de 500 feridos no réveillon de Copacabana. O número estava certo, mas os 500 só tinham ficado bêbados.